

O Espírito do Tempo

"Zeitgeist é um termo alemão que significa "o espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos." O Zeitgeist, em suma, resume o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo."

Fonte: Wikipédia

Esta palavra em alemão, que também tem uma expressão equivalente em francês (*esprit du temps*), procura descrever uma época determinada em palavras. Por exemplo, quando se pensa na década de 60 a primeira coisa que vem a nossa mente é a liberalização de costumes, *Woodstock*, etc... **Qual seria o espírito do nosso tempo?** Talvez seja cedo ainda para termos certeza, mas eu arriscaria que o nosso Zeitgeist é um grande mal-estar, uma espécie de desconforto sutil, porém persistente. O fenômeno é global. Enquanto escrevo estas linhas, mais uma mega manifestação toma conta do Egito. Europa, Oriente Médio e América Latina entraram na rotina do povo nas ruas reclamando, com os efeitos colaterais de violência e vandalismo, de todas as partes. Um dos poucos lugares onde não vemos este fenômeno é nos Estados Unidos. Talvez os americanos estejam ocupados demais trabalhando. **O fato é que esses movimentos parecem trazer implicações profundas no futuro da política, como a concebemos hoje. Mas ainda não está bem certo se o resultado será necessariamente positivo.**

No Brasil, já vemos mudanças significativas em curso. Empresários, banqueiros e políticos que até então eram aliados e beneficiários do lulopetismo, já começam a abandonar o barco. **O jogo político para 2014 está completamente incerto e deve haver muito ruído político e volatilidade pela frente.** Para tentar entender o que será nosso futuro político, é bom olhar para o que é o Brasil.

O Brasil não é um país liberal, do ponto de vista econômico, e tão pouco é um país socialista ou comunista como Cuba e Coréia do Norte. **O Brasil é um país que vive o "capitalismo de estado", essa promíscua relação entre um governo gigante (que se apodera de quase 40% do PIB) e poucos empresários escolhidos para serem os "campeões".** E naturalmente, esse gigantismo estatal só pode dar a luz a uma '*cleptocracia*'. **Pois é isso que somos: uma 'cleptocracia' incrustada num capitalismo de estado.** Este regime, é bom que se ressalte, não maximiza seus ganhos nos extremos. Um país liberal, de estado pequeno e instituições sólidas, não oferece terreno fértil para os *cleptocratas*. Assim como um país socialista, que não gera muita riqueza para ser subtraída (vide a Venezuela, que nem papel higiênico tem). O modelo onde o *cleptocrata* maximiza os seus ganhos é exatamente o nosso. **Por isso já estamos vendo muitas 'mudanças' para que fique tudo igual. Este é o jogo do 'demandado'.**

Resta saber se o 'demandante' aceitará essa cortina de fumaça. Continuará ele demandando? Continuará nas ruas? Mudará o seu padrão de voto? Primeiramente, temos que tentar entender quem está nas ruas. Sabemos que ele é predominantemente jovem (geração Y), conectado em redes sociais, pouca rodagem democrática (poucas eleições) e de um modo geral tem um padrão de vida superior ao que seus pais tiveram.

O filósofo Luiz Felipe **Pondé define essa geração como uma geração narcisista, com um olhar extremamente voltado para si e com expectativas sempre altas.** Rejeita estruturas de poder institucionalizadas, tem dificuldade com a autoridade e assim como a criança, vive pela lógica do prazer imediato. Segundo Pondé, vivemos hoje com as consequências da disfuncionalidade da família. Mas não adianta reclamar, é o que temos para hoje. Seja como funcionário, aluno, filho ou eleitor, este é o brasileiro que está ganhando protagonismo no país. **Aí está o grande impasse da sociedade brasileira: de um lado, o 'cleptocrata', lutando pela sobrevivência do atual estado das coisas, e do outro, esse novo ator, movido por um profundo desconforto com o mundo que ele encontrou, porém com ideias antagônicas em sua base.** Por exemplo, reclamam que o estado é um péssimo provedor de serviços e pedem, como solução, justamente mais estado (passe livre). O impasse se dá num momento onde o modelo econômico petista começa a desmoronar, com **estagnação (crescimento píffo e inflação teimosa), ligeiro aumento do desemprego e endividamento altamente perigoso dos indivíduos.** O nosso '*demandante*' por enquanto está protestando empregado e as contas razoavelmente em dia. Preocupa a evolução desta '*guerrilha urbana*' caso o desemprego comece uma escalada. E dado que temos governos fracos, acuados e que desejam ser o '*tio legal*', o futuro parece nebuloso. Os românticos entusiastas com a '*primavera árabe*' não devem estar convivendo bem com os cadáveres produzidos diariamente pelo Egito. **Este é o resumo do nosso tempo, o embate entre os que frustram as expectativas da sociedade por profissão (os políticos) e a 'geração toddynho' que não lida muito bem com expectativas frustradas.**



Seus investimentos, como ficam no meio disso tudo? Apesar do mês de relativa trégua no mercado financeiro doméstico, olhamos o quadro com apreensão e não nos iludimos pela aparente calma. **Na renda fixa a nossa visão mudou um pouco ao longo do mês.** Os números de atividade e emprego têm vindo bem piores do que o esperado e já não parece certo que o Banco Central vá aumentar tanto as taxas de juros, devendo mantê-las no intervalo 9%-10% ao ano. Continuamos a não ver prêmios atrativos no mercado de pré-fixados.

O mercado de câmbio se comportou com uma certa estabilidade ao longo do mês com a moeda americana oscilando entre 2,22 e 2,30. Nossa visão continua a mesma: **os fundamentos em deterioração do Brasil indicam um enfraquecimento adicional do real perante ao dólar. E também pelos méritos do dólar.** Os Estados Unidos, com a energia barata do gás de xisto, vivem uma revolução energética (serão autossuficientes em 2025) que os levará a uma nova revolução industrial. E isto dentro de um ambiente de normalização de taxas de juros. Tanto o capital produtivo quanto o capital financeiro irão na direção dos Estados Unidos. **Estamos entrando na era do dólar forte.**

A bolsa brasileira apresentou alguma recuperação no mês, mas a **nostra visão permanece negativa.** O risco de estar em ações não deve se pagar até uma definição do nosso quadro político. O atual cenário doméstico nos remete para uma prudência acima do normal em todas as classes de risco e da preservação de liquidez.